

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS



JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 58 A - 1.º e 2.º Andar - Telef. 4313. Composição e impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa - Telef. 4177 - Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Palavras claras e oportunas

Os queixumes contra o «mercado negro» têm-se estendido de norte a sul do país, porque também de norte a sul se tem sentido o pêso das consequências dessa maquiavélica engrenagem de resultados tão funestos para o consumidor.

O eco da revolta de indignação contra os agentes dessa desenfreada e desumana especulação foi pôsto em relêvo, em uma das últimas sessões da Assembleia Nacional, pela voz eloquente e desempoeirada do ilustre Deputado e Oficial do Exército, Sr. Capitão João Duarte Marques, que fez, entre outras afirmações, as seguintes, a propósito da discussão da «Lei de Meios»:

«Torna-se necessário confessar que as actividades dos órgãos executores do sistema corporativo económico não estão orientadas no sentido de realizar o desejo do Governo, pois essa confusão de funções, choques de ordens, interesses feridos, vexames escusados, uma série de lamentações cujo perigo maior, acentuou, reside na projecção que as suas causas têm sobre o consumidor. Assim, tabelar um artigo parcialmente, racionar o que existe mas não se distribue, dificultar a requisição do que se encontra retirado à ordem do órgão respectivo, deteriorando porque não foram previstas as condições de conservação, etc., é provocar a existência do «mercado negro», hoje tão vasto e próspero como qualquer mercado livre.

O «mercado negro» actual é fruto, em parte, da má mecânica funcional do sistema, e encontra-se por tal forma aceitável que a sua necessidade, embora isto seja paradoxal, se considera não só um meio descongestionante da existência paralizada, e portanto de capitais inertes e não realizados, de cujos lucros excessivos beneficia o que explora a plutocracia com prejuízo deprimente da produção honesta e em prejuízo revoltante do que vive à custa do seu trabalho.

E' de lamentar que sejamos obrigados a confirmar que o que existe de controle económico está por tal forma atacado de burocracia, papelada e despotismo, por tal forma indiferente aos reparos das irregularidades, por tal forma onipotente aos alvites, que justifica em parte a propagação de desprestígio, deturpando e aviltando a marcha normal, regular e equilibrada de outros órgãos cuja função se reconhece ser benéfica, utilitária e profícua. Perante esta situação chegamos a convencer-nos que os traficantes do «mercado negro» têm ligações e elementos dentro dos organismos, por forma tal que os conhecedores dos factos, alegando a cobardia justificada da miséria e do vexame para onde seriam empurrados, sujeitam-se ao silêncio conveniente. E' por isso essencial que as enormes despesas escusadas, dando lugar à política de apartamento e desrespeito, se convertam em despesas de propaganda, de compensação e ensinamento para criar a política de aproximação e colaboração, que constitui a essência doutrinária do sistema.

Torna-se necessário diferente rumo na actuação do sistema económico, pois quando não o disposto no Art.º 9.º da proposta de lei em debate terá de promover tantos suplementos quanto forem permitidos pelo Erário Público, numa corrida vertiginosa de aliciação, perseguindo preços, provocando o desequilíbrio moral e monetário, e a vida continuará a subir legal e ilegalmente.

Deixamo-nos de meindres, de arripios e doentias sensibilidades que, certamente, as minhas palavras irão provocar, pois é forçoso actuar energeticamente, mudando o rumo das deficiências provocadas, na sua maioria, pela falta de preparação mental, social e técnica, dos directamente responsáveis pela vida funcional dos órgãos de execução económica para um rumo de trabalho de silenciosa coordenação e de cooperação fraternal, por forma a contribuir patrioticamente nos desejos de manutenção de equilíbrio da vida da nação, bem expressamente manifestados na proposta de lei, cuja doutrina se está discutindo. Não se veja nos meus comentários uma anti-

pática norma de crítica infundada, mas, pelo contrário, desejos de facilitar a aplicação da lei que o Governo, pela pasta da Finanças, submeteu à sanção da Assembleia Nacional.

Não pretendo popularidade, porque se assim o desejasse, a forma de expor teria sido outra e, para a qual, não me faltariam elementos.

Há, no entanto, um objectivo que desejo atingir, custe o que custar, doa a quem doer. E' o de evitar com as minhas fracas posses, com o meu pequeno auxilio, sempre pronto a ser mais preciso e minucioso, que os salpicos de lama provocados pelos transviados do bom caminho e pelos falhos de sentimento patriótico, atinjam uma obra que, além de ser orgulho nacional, é perante o estrangeiro uma realidade ofuscante de beleza e de sacrificio ou seja o ressurgimento económico da Nação, mantido através da hecatombe mundial, mais negra e tenebrosa, que a História regista».

O Sr. Capitão Duarte Marques tomou uma atitude digna dos aplausos de toda a Nação, porque ao mesmo tempo que fez justiça às boas intenções do Governo e sobretudo ao esforço de Suas Excelências os Srs. Presidente do Conselho e Ministro das Finanças, apontou males que de forma alguma podem continuar a subsistir, não só porque afectam gravemente a vida dos consumidores que não podem recorrer ao «mercado negro», como também comprometem as próprias actividades governamentais em prol do bem da Nação.

Portanto, torna-se necessário, de facto, *cutar o mal pela raiz* — seja qual for a situação dos culpados — e o país deixará de sofrer as consequências de desvirados gananciosos e, bem assim, as de certos elementos que apenas estão a comprometer a política administrativa do Governo. De resto — e como afirmou o Sr. Capitão Duarte Marques — se o defeito não é da organização, deve sê-lo das pessoas — embora com algumas excepções — que a servem.

Oxalá, pois, que a Assembleia Nacional e o Governo da Nação não deixem de tomar na consideração devida as claras e oportunas palavras do referido Sr. Deputado, que assim se integrou no seu papel de dizer o que é preciso dizer-se.

S. M.

A electrificação do Concelho

Proseguindo no seu programa de electrificação de todo o nosso vasto concelho, a firma concessionária Jordão, Filhos & C.ª, L.ª fez, no penúltimo sábado, a inauguração desse grande melhoramento em mais duas populosas freguesias — Santa Eulália de Fermentões e Tãgilde — facto que provocoou grande e justificado regozijo entre as respectivas populações.

Sabemos que aquela considerada e importante firma, a despeito das dificuldades que lhe são criadas pelo momento actual, continua a trabalhar animada da melhor vontade e muito activamente para que a luz eléctrica seja levada, o mais brevemente possível, a todas as nossas freguesias rurais. Louvores merece por isso.

Fonte da Vida

(A Berezino).

O Sol é uma hósta d'ouro que tem corpo, vida e alma; origem da nossa origem, tudo cria em paz e calma.

Quando nasce, é para todos, e a todos aquece e cobre, dando sorrisos e beijos tanto ao rico como ao pobre.

¿Donde veio a áurea hósta que nos dá luz e calor? Como tudo, do Poder do Supremo Criador.

Deus é causa, o Sol efeito da Grande Sabedoria: foi Ela que deu ao Mundo, Ordem, Beleza, Harmonia.

P. de Lanhoso.

PAIXÃO BASTOS.

Engenheiro Duarte Pacheco

As Juntas de Freguesia da Cidade, de harmonia com a deliberação tomada numa das suas últimas sessões, mandam celebrar, hoje, às 9,30 horas, na Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, uma missa por alma do preanteado Ministro das Obras Públicas e Comunicações e Cidadão Honorário de Guimarães, Engenheiro Duarte Pacheco.

GAZETILHA

O Vitória anda em azar! Quando podia ganhar, há dias, no Benhevi, evitou-lho um tal senhor, que anunciavam doutor, mas que barbeiro lhe sai...

E fez-lhe a barba bem feita! Preparou-lhe tal receita, de nunca mais esquecer: — Impôs-lhe duro empatate, e acusou-o, p'ra remate, sem qualquer culpa ele ter.

Também domingo passado podia ter empatado em Lisboa, onde jogou. Mas o mandante não viu, e de uma infracção surgiu a bola que o derrotou.

Porém, o melhor do caso, é que por mero acaso, certamente, eu acredito, tiveram nomes iguais os homens que mandam mais, que dão ordens por apito!

Evaristo! Eis o nome que o Vitóriainha consome, que tem feito dêle um Cristo... — E' motivo p'ra dizer se algum mais o empecer: O' Evaristo, vê bem isto!...

BELOATOUR

Alberto PIMENTA MACHADO

O considerado industrial vimaranense e devoto benfeitor das nossas casas de beneficência, Sr. Alberto Pimenta Machado, acaba de fazer uma grande distribuição de donativos, em dinheiro e agasalhos — no valor de muitas dezenas de contos — não apenas pelas nossas Casas de Caridade, mas também por diversas instituições espalhadas pelo país: Braga, Porto, Lisboa, Vila-Real, Coimbra e outras localidades.

Asilos, Creches, Albergues, Orfanatos, Caixas de Previdência de Bombeiros, Misericórdias, Casas dos Pobres e Casas do Povo, etc., etc., acabam de ser contempladas, por forma generosa e avultada, o que representa um nobre gesto, merecedor, portanto, do nosso maior louvor. As instituições vimaranenses con-

Beneficência do «Notícias»

Transporte . . . 11.536\$50

Para a Casa dos Pobres de Guimarães:

Da Fábrica de Pentes do «Ribeirinho», 100\$00

Para os presos da Cadeia:

Da Fábrica de Pentes do «Ribeirinho», 50\$00

Para as vítimas mais necessitadas da Catástrofe de S. Pedro, ocorrida em 1 de Dezembro de 1942:

A. A. (a) 200\$00

Para os nossos pobrezinhos no Natal, recebemos:

A. M. 50\$00

D. Livia Schindler Franco (Lisboa) 100\$00

Sociedade de Mármore de Portugal, Ltd.ª 50\$00

Benjamin de Matos 20\$00

Tenente-Coronel Francisco Martins Ferreira. 20\$00

Anónimo 50\$00

Manuel António de Castro Major Alberto Margaride. 20\$00

Manuel de Sousa 15\$00

Abel Cardoso (Lisboa) 10\$00

Francisco Inácio da Cunha Guimarães (Pevidém). 100\$00

D. Rosa de Jesus Ribeiro 10\$00

G. P. 50\$00

Francisco Costa, do Porto, implorando saúde para sua esposa 50\$00

Anónimo 50\$00

Capitão Francisco Martins Fernandes 25\$00

Manuel C. Martins. 10\$00

João Pereira Mendes 20\$00

António Lopes 2\$50

Antão de Lencastre 10\$00

António José Ribeiro (Porto). 20\$00

Anónimo 20\$00

Dr. Alfredo Bravo 20\$00

José Gilberto Pereira 5\$00

Damião de Sousa Oliveira (Vizela) 20\$00

Joaquim Alberto César (Lisboa) 20\$00

Francisco Larangeiro dos Reis 10\$00

Anibal Dias Pereira 20\$00

Dr. Alfredo Peixoto, em sufrágio da alma da sua antiga servicial Rosa da Silva 10\$00

Ant.º José Pereira de Lima Fábrica de Pentes do «Ribeirinho», 20\$00

Francisco Teixeira Mendes, por alma de sua esposa D. Emilia de Oliveira Mendes. 10\$00

João da Mota 10\$00

Manuel Joaquim Pereira de Carvalho 10\$00

Dr. Augusto Luciano Guimarães 20\$00

Dr. Manuel Francisco Dias de Araújo (S. Martinho do Conde) 20\$00

Manuel José da Costa Guimarães (Aveiro) 15\$00

N. J. 15\$00

E. T. J. 100\$00

A transportar 12.974\$00

(a) Esta importância já foi entregue ao Tesoureiro da Comissão de Socorros às Vítimas da Catástrofe de S. Pedro, o nosso prezado amigo Sr. João Teixeira de Aguiar, que lhe dará a aplicação de harmonia com a vontade do subscritor.

V. Ex.ª já visitou a Pastelaria Colonial à Rua da República?

templadas foram as seguintes: Oficinas de S. José, Santa Casa da Misericórdia, Asilo de Santa Estefânia, Creche da V. O. T. de S. Francisco, Asilo de Entendados de S. Domingos, Asilo de Mendicância de Santos Passos, Casas dos Pobres de Guimarães, Vizela e Taipas, Casa do Povo de Ronfe e Conferências de S. Vicente de Paulo (Homens e Senhoras).

Por informações fidedignas, sabemos, no que respeita por exemplo à Casa dos Pobres, que o benemérito em referência, independentemente da oferta de 30 cobertores e do donativo de 500\$00 em dinheiro, resolveu aumentar a sua cota mensal, a partir de Janeiro p. f., de 200\$00 para 500\$00, o que nos cumpre apontar como exemplo dos mais nobilíssimos sentimentos.

Bem haja, pois, tão generoso benfeitor!

Olhos postos em Deus

Do que tenho de pão já minguardo Inda um migalho vai para a pobreza, Que êle há no mundo tanto esfomeado E há no mundo mundos de avareza...

Do pouco que nós temos, um bocado Vai levar a ventura a muita mesa... Centavo que se dá, quando é bem dado, De pequenino que é, é uma grandeza...

Quando o pobre recebe a esmolinha, Acende Deus, no Céu, uma estrelinha E brilham de alegria os olhos seus.

Dar pão a quem tem fome, a quem precisa, Vestir ao triste nu uma camisa, E' ter os olhos postos sempre em Deus.

Dezembro de 1943.

DELFINO DE GUIMARÃIS.

Crónica Tripeira A QUESTÃO

CANTIGAS DAS FREGUESIAS

CANTIGAS

Não venho aqui falar das «cantigas de amor e de amigos», das «cantigas de bendizer e maldizer» da nossa pre-Literatura. Não quero referir-me às canções e cançonetas, fox, tangos, valsas, swings, slow, marchas, passe-dobles, one-step, etc. que a Emissora Nacional, de vez em quando, eleva sem dó nem piedade para as alturas, salvo os devidos respeito pelos Beethoven, pelos Strauss, pelos Chopin, pelos Litz, etc. Ponho mesmo de parte os fados e fadunchos das emissoras locais, alguns tão tremidinhos que é de a gente arripiar-se todo na espinha dorsal. Esse ouvimo-los nós mesmo sem querer, porque há sempre uma magriza sentimental que gosta de ouvir as choradeiras de um homem ao saber dos desatinos da mulher perdida e há sempre um tasqueiro do lado que impinge o vinho de pior marca, sempre que o rádio transmite que numa certa casa andava tudo de pernas para o ar, que qualquer desgraçado morria de ciúmes ou que o pai sovava a filha por ligar a certo pelintra.

Eu venho simplesmente dizer-vos, como proferiria o Conselheiro Acácio, de imortedeira memória, que a cantiga também tem modas.

No meu tempo de rapaz, cantava-se o «no alto daquela serra», «E' mais um peneira», «O' condessa, ó condessinha» e muitas outras. Depois vieram novas cantigas, não sabendo já a memória a que ano pertenceram, como aquela «Maria! São teus olhos de azeitona» ou aquela outra «Era a Severa dotada do mais terno coração». Ultimamente, vão das cidades às aldeias e das aldeias regressam às cidades, truncadas, viradas, adaptadas, transformadas, de tal maneira que, se algumas não fossem tão lacrimosas e carpidas, se não andassem por aí umas certas mulherzinhas, tipo reles, a acompanhar o violino e o violão dos cegos com a baixa poesia do «volfrâmio é pedra escura», do «meu amante, a todo o instante», etc., poderíamos concordar com os franceses que «les portugais sont toujours gais».

Ainda há pouco tempo andaram as demiselas e os demiselos a inventar o que é o «tirolau» tinha lá em cima e o que é o «tirolau» espreitava lá debaixo. A seguir disseram à Rosa que devia arredondar a saia para ir ao Senhor da Pedra foliar e saltar. Veio depois «A mulher do Padeiro», tão desgraçadinha, tão folionada no «bonde da alegria», tão asoalhada no seu triste fado, triste e imoral, merecedor mesmo que o Sr. Juíz lhe pusesse aos ombros a cruz do divórcio, tão rapioqueira que conquistou a simpatia das mulheres a dias, das criadas para todo o serviço, das vendedeiras das ruas, das estudantinhas escrofulosas e de todas aquelas que não sabem por experiência própria mas supõem o que seja «cantar e bailar sem o padeiro saber».

Hoje, há outra moda. E' o «Sebastião». «O Sebastião» já tem uns meses, mas ainda é tão criança que não lhe cresceram os dentes. Andou no pano de esfrega da mulher de limpeza, andou no pó da loiça da sopeira, andou descalço na areia, mexeu em animados bailados os pés, nos Casinos, tirou o casaco nas sextas calmo-

A propósito do que se tem dito à volta da já célebre questão da delimitação das freguesias e da atitude tomada por este jornal e por alguns dos seus ilustres colaboradores, recebemos a seguinte carta:

... Sr. Director do «Notícias de Guimarães»

Agradeço-lhe a atenção de me fazer chegar às mãos o «Diário do Minho» do dia 12 do corrente, onde vem publicado um degradante súdio de insinuações de um audacioso indivíduo que, manejado pela varinha mágica da cobardia, da traição e da calúnia, continua a ocultar-se na sombra do nome do Sr. José Ribeiro de Freitas Moura, a quem a história do infame servilismo prestará a devida homenagem, quando estiver resolvido o caso da delimitação da área da cidade.

A firma P. Lôbo, J. Moura & C.ª constituirá, no futuro, uma triste recordação dos maus exemplos de quem abandonou os deveres da sua missão para conseguir certos fins sem olhar aos processos empregados. Para nós, tão bom é o cobarde que atira a pedra e esconde a mão como o ignorante que se prontifica a assumir a responsabilidade desse acto de repugnante baixa moral.

Portanto, mantendo aquilo que disse no seu «Notícias» do passado dia 5, não gastaremos mais tinta, nem mais papel, nem mais tempo, com semelhantes rebentos da natureza, seja qual for a arma e a parte do corpo com que nos procurem atingir.

E de resto, não ofende quem quere. Cria-me amigo certo e obrigado Aos 15-12-43.

S. S.

N. R. — Ao transcrevermos a carta de S. S., nosso querido amigo e colaborador muito ilustre, pessoa que goza da maior simpatia na cidade de Guimarães e que à mesma tem prestado relevantes serviços, queremos prestar pública homenagem à sua inteireza de carácter e altas qualidades morais. S. S. não é, como qualquer analfabeto pode supor, uma pessoa vulgar, *arranjista* ou *espírito de contradição* mas, pelo contrário e acima de tudo, uma pessoa de bem.

... e agora entra com boas peles pelo Outono e pelo Inverno dentro, dizendo às loiras e às morenas, às velhas e às novas, os seus grandes segredos. Viva «O Sebastião»! Ainda está no apogeu! Mas já por detrás dos reposteiros, ensaiando-se em pianos desafinados, se ouve esta melodia: «Besa-me mucho como se fuera esta noche la ultima vez»! Mais outra? Pegará? Não sei; mas o que tu queiras, leitor, é que uns lábios finos e melódiosos ta cantassem ao ouvido.....

Ferreira Tôrres.

"AUXÍLIAR a Casa dos Pobres de Guimarães,"

O viajero, sempre apressado no seu interesse pessoal, não dá pelo edifício. Muito menos repara numístico, que define aquela casa, e fica na cimalha de entrada. É que o edifício não tem nada de particular. É uma construção vulgar, sem expressão, que passa despercebida. A sua frontaria é harmónica, lisa, simples, mas não chama a atenção. Fica no fundo duma rua ampla, quasi a formar largo, pano que fecha a artéria, mas que logo deixa uma garganta por onde se escoo o movimento. E o edifício lá fica, seco, frio, num corpo só, a fechar a rua e a abrir outra.

E, no entanto, dentro daquele edifício há um mundo. Há pelo menos uma sociedade humana, real. «Casa dos Pobres». Assim mesmo: lar dos desprotegidos. E a gente, ao pensar na catástrofe que assola continentes, desfaz lares, arruina fortunas, destrói famílias, transforma em cinzas bairros e mais bairros, encontra ali, na «Casa dos Pobres», um mundo de reflexões, ante aquela sociedade humana real.

Por que não parar então ali, dar conta que existe aquele edifício, bater à porta, entrar, viver um ambiente paralelo a muitos outros, que a luta entre os homens cavou entre sociedades consolidadas, entre gentes que se consideravam arrumadas e instaladas na vida? Porque não irmos até lá ver um quadro, nesta zona de paz, que nos permita bendizer a hora que vivemos, onde ali são apenas os desprotegidos que figuram, enquanto noutras zonas o mais opulento baqueou, o mais forte está frágil, o homem das grandes esferas sociais aguarda a vez que lhe compete no aglomerado que espera a chamada? Porque não visitar e reflectir ali, para até nos sentirmos menos infelizes na hora do desânimo, se acaso a vida nos é menos propícia, e podermos colaborar para uma perfeição entre os homens?

Passada a porta de entrada fica a Secretaria. É uma dependência ampla com as suas secretárias em ordem e as notas de informação colocadas nas paredes. São umas papeletas de consulta rápida onde, em números, o visitante fica logo informado das soppas concedidas, das barbas feitas, das roupas entregues, das ofertas. É o «deve e o haver» facultativo, pronto, objectivo, concedido à curiosidade de quem quiser saber o que se passa naquela instituição.

Números? São aos mil, como interessa na sua amplitude de a todos socorrer, sem pensar em obter dividendos, no balanço, pois estas casas procuram servir e aspiram somente a que as olhem com carinho, para continuar e sempre. Números? São muitas soppas, muitas as rações de brã, muitos os agasalhos, muitos os medicamentos...

O visitante pode contentar-se em ver os boletins informadores. Mas se quiser ver a massa humana, real, que vive mercê daquela instituição, e sentir um mundo amplo, cheio de emotividade, corre o edifício na sua hora de movimento.

Passa-se à barbearia: uma cadeira, um espelho, uma bacia ampla onde desliza água — eis o inventário desta pequena dependência onde os necessitados de Guimarães podem cuidar da sua hygiene. Depois de se atravessar um pátio fica a camarata das mulheres. Meia dúzia de camas em pergamão, todos os dias desinfectadas e logo erguidas contra a parede para que o compartimento fique liberto. Subidas umas escadas encontram-nos na casa das refeições.

Há ali duas espécies de necessitados. Aqueles que podem pagar alguma coisa — e neste número está a maioria dos operários vimaranenses — que tomam parte na refeição na sala com o nome «Cozinha Económica». A guerra, e com ela as dificuldades de abastecimentos, elevou o número dos que frequentam a «Cozinha Económica» na Casa dos Pobres.

Entram por turnos, que são servidos rapidamente, para dar lugar a outros, pois o tempo de folga é rígido. Os preços são ínfimos como convém. Não é uma casa de negócio. É uma casa de amparo. Não interessa obter lucros. Interessa dar lucros aos infelizes. E naquela dependência com mesas amplas, janelas rasgadas, bancos iguais, amplo balcão onde partem as rações, até há jarras com flores — singela presença da natureza ao lado das almas que por ali acorrem.

Esta é a «Cozinha Económica» de Guimarães, que a sua Casa dos Pobres mantém carinhosamente! Passado o corredor fica-nos a cozinha propriamente dita, com as suas bocarras enormes, fumegantes, o seu trem enorme, sempre ao serviço, cuidado e limpo por espiritos que fazem da vida a via sacra terrena... E só assim se pode compreender que a instituição seja um exemplo de ordem e de asseio.

Depois, á sua ilharga, é a despensa, são as reservas, as provisões: é o arroz, a massa, o grão, a farinha — os géneros necessários para o presente e para o futuro desconhecido. Também lá tem as roupas, o vestuário que aguarda a ocasião de saír, que não

quere estar ali, que se sente deslocado na gaveta, que sabe que há-de partir com o primeiro necessitado que bata à porta.

Eis o alfaiate e a costureira — simples «atelier» dirigido por gente de dentro, confeccionado por gente da casa. Depois os dormitórios de homens, dos que ficam sempre, dos que pertencem à instituição — e já não são iguais aos que, comoromeiros, passam pela cidade, dormem uma noite, e partem a caminhar sem rumo... o rumo que só eles sabem.

No mesmo andar do edifício fica, por último, a casa da refeição dos que não podem pagar. Está separada da «Cozinha Económica», tem entrada privativa, nada tem de comum com aquela. Mas, há sua semelhança, é também uma sala ampla, higiênica, batida de janelas, acariciada por flores...

Agora um dormitório que não é utilizado. Está ali á espera. Á espera de quê? Á espera de quem? Aguarda um caso, um facto, um acontecimento que ninguém quer que se dê. Uma epidemia... a peste... uma doença colectiva... efeitos de guerra... consequências do conflito — que Deus há-de permitir que não aconteçam. É uma prevenção apenas. É o cenário branco, alvo com a banheira da paz — que está ali na Casa dos Pobres, de Guimarães. Os homens andam desavindos e não respeitam interesses. O rico fica pobre; o saudável torna-se doente; o lar ruí; os edifícios são espectros — é preciso prever.

No mesmo andar fica a capela privativa da instituição. É a casa da oração, o relicário onde prestam culto as almas que dirigem carinhosamente a Casa dos Pobres. Talvez, aí, os espiritos peçam a Deus que esclareça os homens, que estes compreendam melhor a sua missão na terra, que sejam mais humanos, menos egoístas, mais dadiivosos, menos interesseiros. Talvez, aí, as orações se encaminhem com intuito de que os homens fiquem mais racionais, que reflitam sobre problemas graves, que possam ver que um dia também poderão ser necessitados... necessitar daquela instituição.

Resta-nos o armazém de lenhas, vasto, largo, com as pilhas alinhadas, sempre prontas ao fogo, sempre aptas a queimar, para dar lume... Depois os balneários, os chuveiros e as inersões; o recinto de desinfecção, a ampla cerca com cultivo de hortaliça, galinheiros, coelheiras, currais...

Eis aqui a «Casa dos Pobres», de Guimarães. A gente deu por ela e foi ver o que seria lá por dentro. Grande, generosa, profunda instituição de caridade que o concelho protege. Mas há lá protecção, nestes tempos calamitosos, que chegue? O socorro benfazejo das almas boas pode de algum modo considerar-se limite, agora que as dificuldades são maiores e o número de necessitados aumenta?

Ao sairmos da «Casa dos Pobres», de Guimarães, ficou-nos a vontade de dizermos no nosso jornal que se amparasse mais ainda aquela organização de amor e de fraternidade, para que haja menos infelizes, e que os infelizes se sintam menos abandonados pela sociedade. Gravou-se em nós a força suficiente para pedirmos que se ampare a «Casa dos Pobres», doando, cedendo, socorrendo, reflectindo; enviando óbulos. É preciso não perder de vista que, ainda há organizações com grandes finalidades, e que estas serão tanto mais bem sucedidas quanto o interesse de todos ocorrer em seu benefício.

Como as suas senhas de propagação dispersas pelas paredes, pelas casas de comércio, pelas mesas de café, podemos rematar: «auxíliar a «Casa dos Pobres», de Guimarães!»

(Do «Correio do Minho».)

Botas Altas de Borracha. Sapataria Luso.

"Semana da Mãe"

Numa das salas do Liceu de Martins Sarmiento e perante a assistência de numerosas pessoas de representação no nosso meio, entre a qual se viam os professores daquele estabelecimento de ensino e muitas senhoras da nossa sociedade, efectuou-se, no domingo passado, uma brilhante sessão solene, comemorativa da «Semana da Mãe», no decorrer da qual se procedeu á distribuição de enxovais e berços a crianças pobres e foram proferidas palavras enaltecendo a admirável Obra das Mães pela Educação Nacional.

Contra o frio... SAPATOS DA SAPATARIA LUSO.

Parabéns a «Belgatour», Admirável concêrto

Senhor *Belgatour* amigo, receba os meus parabéns! A gazetilha, eu lhe digo, que no domingo safu, foi falada e bem caíu em toda esta Guimarães.

Nesse fatal e mau dia para nós vimaranenses, a *tripa* fez arrelia, pois julgou-se soberana, chegando-nos á *pavana* com ditos impertinentes...

Os *duas caras* são bons fidalgos a receber. Mas covarde de dois tons, alto aí! Isso é que não! E quando eles têm razão não deixam pouco fazer...

Os motivos foram vistos: — Do *esquentamento* na tola, viram em nós pobres cristos, *anjinhos* ou *benjamins* sem acção, uns manequins: bonecos de trapo e bola...

Foi injusto, atentem bem, o castigo que nos deram. A culpa p'ra quem a tem! (P'ra eles... que o mal fizeram).

E agora, p'ra terminar, seja-se criterioso: — Que culpa há a apontar ao nosso grande «Vitória» por na rua haver *história*?... — Nenhuma!

O Silencioso.

Reitor do Liceu

A-proósito da breve retirada para Luanda do Sr. Dr. José Francisco dos Santos, Reitor do Liceu de Martins Sarmiento, a Juventude Escotar Católica resolveu prestar-lhe uma homenagem, a qual teve lugar no amplo Ginásio do mesmo estabelecimento de ensino, na passada quinta-feira, pouco antes das 16 horas, com a assistência de todo o corpo docente, alunos e empregados do mesmo estabelecimento de ensino e, ainda, de alguns amigos e admiradores do homenageado.

Presidiu á brilhante sessão solene o rev. Cônego Martins Gonçalves, de Braga, que se fez secretariar pelo homenageado e pelo venerando Arceprelado Rev. João do Carmo da Cruz Magro.

Usaram da palavra os ilustrados sacerdotes revs. Cônego Martins Gonçalves, P.º Avelino Borda, illustre professor de Moral do Liceu e P.º José Carlos Simões de Almeida, distinto Director do Internato Académico e os presidente e secretário da J. E. C., os académicos Srs. Xavier Pintado e Francisco Meireles, que se referiram, em brilhantes discursos, ás qualidades intelectuais e morais do homenageado, para quem tiveram palavras de admiração, lamentando o seu afastamento de Guimarães.

O homenageado agradeceu, sensivelmente comovido, aquela prova de admiração e de estima.

Vai ser prestada, hoje, por iniciativa do Núcleo de Guimarães do Corpo Nacional de Escutas, uma homenagem de despedida ao Sr. Dr. José Francisco dos Santos, Reitor do Liceu de Martins Sarmiento e Chefe da Junta local e das Relações Internacionais daquele Organismo escutista, por motivo da sua breve retirada para Luanda, para onde vai em comissão de serviço.

A esta festa, que constará de missa ás 10,30 horas, na Igreja de S. Dâmaso e de sessão solene, no salão de festas da «Casa de S. Dâmaso», para entrega de uma artística pasta que encerrará uma mensagem em pergaminho, virão assistir altos representantes do C. N. E. de todo o país.

Na sessão solene será orador official o secretário da mesma Junta local e nosso prezado amigo Sr. Manuel Alves de Oliveira.

Para oferta de NATAS Um par de sapatos da SAPATARIA LUSO.

Cap. Ribeiro Dantas

Finou-se, em Viana-do-Castelo, o distinto official do exêrcito, Sr. Capitão Artur Ribeiro Dantas, que foi, durante muitos anos, Chefe da Banda do R. I. 20, quando o mesmo esteve aquartelado em Guimarães e que dirigiu, com rara competência, o Orfêo de Guimarães, tendo proporcionado aos vimaranenses verdadeiras noites de arte e levado a terras distantes o nome da nossa Terra.

A sua morte foi aqui muito sentida. Prestamos, ao saudoso morto, a nossa sincera homenagem de gratidão e reconhecimento pelos valiosos serviços que prestou a Guimarães.

No Salão Nobre do Grémio do Comércio

O Sarau de quarta-feira passada, no Salão Nobre do Grémio do Comércio de Guimarães, promovido pela Sociedade Filarmónica Vimaranense, e no qual tivemos o grato prazer de escutar o consagrado pianista-compositor Eurico Tomás de Lima e a admirável cantora Isolda Gama, marcou bem um notável e raro acontecimento de Arte.

O salão estava repleto. A assistência era selecta e entre ela via-se, magnificamente representado, o elemento feminino da nossa terra como que a acolher, com carinho, com admiração, com apreço, a Senhora gentil que nos quis deliciar com a sua voz encantadora.

O ilustrado sacerdote e prestimoso Director do Internato Municipal, Sr. P.º José Carlos Simões Veloso de Almeida, disse algumas breves palavras de abertura. Num discurso formoso, falou-nos da Poesia e da Música, bordando á volta delas algumas interessantes considerações. Depois disse-nos quem eram e o que valiam as pessoas distintas que iam ouvir naquele segundo sarau.

Ouvido com respeito e agrado, o orador recebeu, ao terminar, muitos aplausos.

O Sarau começou logo. Eurico Tomás de Lima e Isolda Gama, recebidos na sala com uma ovação estrondosa e demorada, deram início ao programa magistral que em todos os assistentes deixou a mais agradável impressão e lhes arrancou, espontâneas e calorosas, muitas salvas de palmas com que todos quiseram premiar o trabalho que ali lhes foi dado presenciar.

Logo no início da 2ª parte o eminente pianista Eurico Tomás de Lima mimoseou-nos com «S. Francisco de Paula caminhando sobre as ondas», de Liszt, e ao acabar o memorável recital a insinuante cantora cantou-nos, admiravelmente, a Grande Aria da Op. «La Traviata», de Verdi, dando-nos, um e outro, uma prova eloquente do seu muito talento.

O Sarau de quarta-feira foi das coisas mais belas a que temos assistido. A assistência compreendeu-o bem, testemunhando aos nossos distintos visitantes, naquela noite inesquecível e na hora em que iam extinguir-se os últimos acordes da sublime Arte, a sua gratidão e reconhecimento, numa ovação vibrante de verdadeira apoteose.

Num dos intervalos do Sarau, um grupo de gentis senhoras vimaranenses ofereceu á genial cantora um formosíssimo ramo de flores, acto que foi sublinhado por muitos aplausos.

No final foi servido um delicado «Pôrto de Honra», a que assistiram, além dos Artistas e da Direcção da S. F. V., algumas senhoras e cavalheiros, tendo-se trocado affectuosos brindes.

LUSO!

CALÇADO PARA SENHORA Sapataria Luso

Câmara Municipal

A Câmara Municipal, em sua sessão extraordinária, resolveu alterar e aprovar a toponímia de algumas ruas e largos da Cidade, da seguinte forma:

Que á Avenida Cândido dos Reis se dê o nome de «Avenida D. Afonso Henriques — o Fundador»; á Avenida Miguel Bombarda o de «Avenida D. João IV — o Restaurador»; á Rua da Estação do Caminho de Ferro, ao Castanheiro, «Rua de Eduardo de Almeida — Industrial»; á Rua do Castanheiro até á Cruz de Pedra, «Rua de Manuel Tomás — Poeta»; á Cruz de Pedra, «Largo da Cruz de Pedra»; á Rua da Liberdade, «Rua da Madrã»; á Rua Trindade Coelho, «Rua da Caldeirão»; á Travessa de Camões, «Rua de Traz-os-Oleiros»; á Praça de D. Afonso Henriques, «Largo do Toural»; á Rua dos Palheiros, «Avenida Engenheiro Duarte Pacheco — Ministro das Obras Públicas e Comunicações»; ao Parque do Castelo, «Parque da Mumadona»; ao Campo do Salvador, «Campo de S. Mamede»; á Rua Elias Garcia, «Rua de Santa Maria»; á Rua da República, «Rua da Rainha — D. Maria II»; á Viela junto do Arquivo Municipal, «Viela dos Açoutados»; ao Largo 13 de Fevereiro, «Praça de S. Tiago»; á Rua N.º 4, «Rua Cônego Gaspar Estação — Monógrafo Vimaranense»; á Rua N.º 5, «Rua Dr. João de Meira — Monógrafo Vimaranense»; á Rua N.º 7, «Rua do Abade de Tágilde (P.º João Gomes de Oliveira Guimarães) — Historiador Vimaranense»; á Rua N.º 8, «Rua P.º Torcato de Azevedo — Monógrafo Vimaraneense»; á Avenida dos Pombais, «Avenida Conde de Margaride (Dr. Luis Cardoso M. de Menezes de Macedo) — Par do Reino»; ao Largo em frente ao Matadouro, «Largo dos Pombais»; á Rua que liga a Avenida Engenheiro Duarte Pacheco ao Largo de Martins Sarmiento, «Rua do Dr. Agostinho Barbosa — Lexicógrafo Vimaranense».

DESPORTO

Temos de amparar o «Vitória»!

Todos os vimaranenses conhecem a infelicidade de que foi vítima o seu grupo representativo, o seu glorioso e correcto Vitória.

A Federação Portuguesa de Futebol, baseando-se nos relatórios inexactos que lhe foram apresentados, puniu-o severamente, sem que disso se tivesse tornado merecedor.

Naquilo que se passou fora do seu terreno não lhe coube culpa alguma, pois nada fez que á luz da razão e da imparcialidade pudesse comportar tão rude castigo. Queremos acreditar em que se os illustres desportistas que dirigem a entidade máxima do futebol nacional tivessem presenciado os factos, não applicariam tais sanções.

É preciso prestigiar o Desporto, mas tal prestigio deve ser alimentado por todos. Os simples informadores de ocorrências que mereçam julgamento têm de ser pessoas criteriosas, sensatas e alheias a ressaibos ou despeitos.

Só assim se vencerá com justiça a grande batalha da educação desportiva, em que todos andamos empenhados.

As duras sanções applicadas ao Vitória colocaram-nos numa situação muito delicada, a qual só será vencida por uma grande força de vontade e de amor próprio de todos os desportistas vimaranenses.

Além do enorme sacrificio exigido aos jogadores — pois têm de realizar 10 jogos con-

secutivos fora da sua terra, abandonando a sua vida profissional e o aconchego do seu lar — há que contar com os prejuizos monetários, que são de respeito.

Para estes, sobretudo, é que a massa associativa do Clube tem de voltar a sua atenção, debelando-os o mais possível. Para tanto basta que cada um cumpra o seu dever, pagando com pontualidade a sua cotização.

Do que aconteceu, o Clube não foi culpado. Todos o sabem. Justo é, pois, que todos saibamos ampará-lo nesta gravíssima emergência, recordando as horas de intensa satisfação que nos tem proporcionado e que voltará a proporcionar-nos, cremo-lo bem.

Avante, pois, pelo Vitória! Avante por Guimarães!

No desafio-castigo realizado domingo no campo da Tapadinha, em Lisboa, o Vitória foi batido por 4-1 pelo Atlético. O vencedor começou a construir o triunfo quando faltavam apenas 8 minutos para o fim da partida, e fê-lo com um tento que toda a crítica apontou como irregular. Daí veio a desmoralização da equip vimaranense, que praticamente deixou de existir no terreno.

O árbitro chamava-se Evaristo dos Santos.

Estes Evaristos...

J. G. F.

UM NATAL COM DOÇURA DÁ Á ALMA MAIS TERNURA.
A «Confeitaria Colonial» é a Casa das Especialidades
Rua da República — Guimarães

Bráulio Caldas Santa Casa da M. de Guimarães

foi evocado, ontem, no nosso Liceu

Sessão ordinária do dia 17

Effectuou-se, ontem, á tarde, pouco depois das 14,30 horas, no Liceu de Martins Sarmiento, desta cidade, a anunciada conferência acerca da *Biografia de Bráulio Caldas*, em que foi orador o antigo aluno daquele estabelecimento de ensino e nosso querido colaborador e amigo Sr. Francisco Armindo Pereira da Costa, de Vizela.

O adiantado da hora não nos permite fazer uma noticia desenvolvida desse acontecimento, mas não podemos deixar de assinalar o muito interesse que á volta de *Bráulio Caldas* e da sua *Biografia* se criou.

E Francisco Costa, após aturados esforços, pondo o melhor da sua boa vontade e da sua intelligência ao serviço duma causa, procurando prestar merecida homenagem ao Poeta que tão admiravelmente soube cantar a nossa Terra e as suas belezas, apresentou-nos um trabalho que, honrando-o, honra também, sobremaneira, a memória do homenageado.

Aos muitos aplausos que recebeu, aplausos justos e oportunos, juntamos os nossos, muito sinceros e calorosos.

A. Gomes, Filhos & Sá
OURIVESARIA GOMES
PÓVOA DE VARZIM
Oficina de Ourivesaria — Relojoaria — Joalharia — Gravadores —

RESSACA
A EMOÇÃO NA LABAREDA
VERSOS DE
Aurora Jardim

Sob a presidência do Ex.º Sr. Provedor, Mário de Sousa Meneses e achando-se presente a maioria dos mesários, reuniu, na sexta-feira, a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia, que tomou as seguintes deliberações:

Adquirir á firma Amadeu C. Penafort, I.ª, representante dos aparelhos Electrolux, L.ª, uma máquina encordera e dois aspiradores, e á Casa Siemens um aparelho de Raios infra-vermelhos e uma lâmpada para Raios ultra-violetas;

Indeferir um requerimento de capital sob hipoteca por forma de garantias, conforme o estabelecido;

Tomar em consideração o pedido feito pelo inquilino Sr. Francisco de Abreu, no sentido de serem melhoradas as condições higiénicas do prédio que habita e pertence á Santa Casa;

Registrar com vivo reconhecimento os legados de esc. 10.000\$00 instituidos pelos benfeitores senhora D. Maria Constança Antunes Guimarães e pelo Conselheiro Dr. José da Mota Prego e lançar na acta um voto de pezar pelo falecimento d'este último vimaranense;

Melhorar as refeições nos Hospitais e Asilos desta Santa Casa nos dias de Natal, Ano Novo e Reis;

Encarregar o mesário das propriedades Sr. João A. da Silva Guimarães de rever os seguros dos prédios urbanos desta Santa Casa;

Afixar nos edificios destinados á assistência desta Misericórdia uma lâpide com os dizeres: «Património da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães».

A Mesa tomou conhecimento do mapa de subsistências referente ao mês de Novembro, apresentado pelo mesário Sr. Tenente Mário Pinheiro e bem assim do baladete do cofre apresentado pelo Tesoureiro Sr. Antão de Lencastre. Verificou estarem cumpridos todos os legados e, finalmente, tratou de outros assuntos de interesse para a Instituição.

Livros & Jornais

Falar por falar — por Olavo d'Eça Leal.

É difícil escrever uma conversa com perfeição. Se essa conversa existiu, é preciso ligar de tal forma os assuntos que essa conversa decorra homogênea; é preciso não se esquecer do indivíduo — a sua inteligência, o modo de se exprimir, a viveza da sua palavra ou a languidez do seu sentimento e é preciso também não esbarrar contra a falta de naturalidade, o que tantas e tantas vezes acontece. Se essa conversa não existiu, é preciso inventar os personagens, imaginá-los tais quais são e pô-los a falar tal qual se imaginaram. Por tudo, torna-se um género melindroso. Além disso, a conversa escrita falta-lhe o vigor da voz, o impulso do momento, a sonoridade do ouvido, a multiplicação dos sons. Olavo d'Eça Leal compilou, num volume, alguns dos seus trabalhos escritos para a radiodifusão. E quanto mais atendemos nas dificuldades deste género mais apreciamos o seu trabalho. O diálogo é feliz, a expressão é viva e os personagens acaloram-se, discutem, defendem-se, submetem-se e expõem os seus casos de uma forma que quasi não admite senões. Além disso, a dialogação é metódica e variada, quasi iamós a dizer oportuna, e, por isso, "Falar por falar", pode considerar-se um livro de leitura amena. Olavo d'Eça Leal (estamos convencidos) vai juntar aos seus admiradores radiófilos os admiradores literários, que deverão ser mais sinceros, porque podem avaliar, com mais cuidado, mais essencialmente, os seus trabalhos. (Edições da Parceria A. M. Pereira — Lisboa).

As Pupilas do Sr. Reitor — por Júlio Diniz.

Este romance já não precisa de crítica. A cinematografia tornou-o conhecido entre aqueles que não gostam de ler romances e até entre os analfabetos. Leram-nos novos e velhos, pais e filhos, libertinos e pacatos, as avós vão contando nos serões as virtudes de Margarida e Clara, e as raparigas na idade de amar guardam o romance dentro do cestinho de trabalho, junto dos novelos, agulhas, paninhos de mesa, crochet, etc., a fim de o lerem, um bocadinho por cada dia, como quem faz meditação, como quem decora alguns ensinamentos. Júlio Diniz é o simples que só conta belezas, é o manso que só conta venturas, embora a primeira vista o não pareçam, é o cenobita que entoa himnos à natureza, é o sacerdote do amor puro, sem mancha, tão delicado, sincero e ardente que até Deus o abençoou dos céus — amor do passado que ainda empolga, entusiasma e seduz. As pupilas do Sr. Reitor são o seu romance por excelência. Os nossos leitores, se ainda não o leram, já terão ouvido falar do seu entrecho por amigos e pessoas conhecidas. Mas quem não o leu precisa de o ler. É vergonhoso não ter lido este e outros romances da nossa literatura. Este e muitos romances de Camilo, que andam no esquecimento, merecem o carinho do público e valorizam a "Coleção Portuguesa". E' destes livros que a coleção necessita e são romances assim (e não romances balofos, inúteis, banaes) que a tornam aproveitável e digna de elogios. — Esta edição foi revista pelo erudito Dr. Augusto César Pires de Lima e pertence a Domingos Barreira, do Porto.

Novelas — por A. Musset (Tradução de Cardoso Júnior).

Aqui está mais um volume apreciável da tão apreciável Coleção "Contos e Novelas". Os temas são simples; mas o rigor da análise, a nitidez do desenho de caracteres e a suavidade de dição (especialmente a suavidade) dão a estas novelas uma aureola de beleza difícil de ser excedida. Alfred Musset é um emotivo de pura gema. Ele, Lamartine, Petrarca, o nosso Soares de Passos fazem do sentimento uma religião, religião tão completa, tão simples, tão compreensível que até os espiritos mais obtusos a entendem e seguem. Mesmo na novela nota-se muitas vezes a alma do poeta, em adejos para a excelência dos conceitos e da forma literária. Aparecem várias poesias, neste volume, no original, isto é, em francês. O tradutor só merece elogios por este procedimento. Traduzi-las seria desvirtuá-las, roubar-lhes

FOLHETIM DO "NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS" N.º 41 J. Weyman

Aventuras do Cavaleiro de Bérault

CAPÍTULO VIII O Conflito

— O duellista? — voltou-me ela com um olhar cheio de surpresa. — Sim, tenho ouvido falar d'ele... Matou um moço gentilhomem da nossa provincia em Nancy, há dois annos... E, — continuou, estremecendo ligeiramente, — uma triste historia... Esse espadachim é um homem terrível! Que Deus livre os nossos amigos daqueles que forem como elle! — Amen! — disse eu tranquilamente. — E daí? — prosseguiu ella. — Que

MUTUALISMO

Tendo-se procedido à eleição dos Corpos Gerentes, para o ano de 1944, da Associação de Socorros Mútuos Fúnebre Familiar Operária Vimaraense, verificou-se o seguinte resultado:

Assembleia Geral — Presidente, João da Costa; 1.º Secretário, Alcino de Oliveira Salgado; 2.º dito, Alfredo Dias da Fonseca.

Direcção, efectivos — Presidente, José Gualberto de Freitas; Secretário, Joaquim Garcia; Tesoureiro, Salvador Maria de Araújo Dantas; Vogais: Francisco Ribeiro de Castro, Manuel de Freitas Silva, Horácio Ladeira e Bento Gonçalves.

Suplentes — Presidente, Fernando Augusto Teixeira; Secretário, João António da Silva Guimarães; Tesoureiro, Joaquim António da Cunha Machado; Vogais: Armindo Maria Fernandes, Francisco de Sousa Guise, António de Abreu Bastos e Domingos Ribeiro Martins.

Conselho Fiscal, efectivos — Presidente, António Joaquim de Magalhães; Secretário, José Carlos de Freitas; Relator, José Ribeiro Machado.

Suplentes — Presidente, Domingos António Leite de Freitas; Secretário, Augusto José Pereira da Silva; Relator, Joaquim Vaz Guimarães.

CALÇADO! MODÉLOS — EXCLUSIVOS — NOVIDADES SAPATARIA LUSO

a essência, conspurcar-lhes o valor. Aquella poesia "A Ninou", é sublime, é eucantadora. A gente lê e consola-se. Se a lingua franceza já de si é meiga e doce, Musset torna-a ainda mais meiga e doce. Destas quatro novelas não distinguimos nenhuma. Tódes elas nos agradam e satisfazem. São retalhos da vida estante de anseios, da vida — mar azul em constâtes e cadenciados baloços de amor, que o autor conheceu. Sim! porque novelas tão vivas e tão sinceras não podem ser apenas fruto da imaginação. (Editorial Gleba, Ld. — Lisboa).

Arte de navegar — por Comandante Jaime do Inso.

Mais um valioso volume desta tão conhecida coleção. Desta vez, um homem do mar, conhecido do nosso público pelo seu labor literário, o Comandante Jaime do Inso, ofereceu-nos um trabalho de alto valor científico e cultural, descrevendo-nos os mais complicados trabalhos e canseiras para, com todos os elementos que a ciência fornece hoje ao Homem, se poder cruzar os mares.

Profusamente ilustrado, este volume, que o autor não teve a pretensão de fazer um tratado de náutica, é, sobretudo para o grande público, pode-se dizer, o desvendador de um mistério — as leis, as práticas que se usa, modernamente, para conduzir essas novas ilhas flutuantes — os navios.

— Volumes 48-49 da Biblioteca Cosmos.

A Vida de Beethoven — pelo Prof. Luis de Freitas Branco.

O Professor Luis de Freitas Branco, que ainda há pouco tempo ofereceu ao público português uma valiosa «História da Música», acaba de publicar, dentro desta já tão valiosa quantal imprescindível Biblioteca Cosmos, um novo volume — «A Vida de Beethoven».

Seguindo um método original, mas verdadeiro, de construir a figura genuína de Beethoven, através do seu copioso epistolário e do que restou dos famosos cadernos da conversação, Prof. Luis de Freitas Branco deu, bem viva e de pé a vida, trágica e grandiosa, desde a infância até à sua morte, do Solitário do Bonn.

E' um aliciente trabalho que aconselhamos a todos os nossos leitores. — Volume 50 da Biblioteca Cosmos — Lisboa.

CALÇADO PARA CRIANÇA O melhor sortido SAPATARIA LUSO

há a respeito d'esse homem? Por que razão haveis citado o seu nome?... — Por que o senhor de Bérault está aqui... — Aqui?... Em Cocheforêt?... — Sim, senhora minha... Sou eu.

CAPÍTULO IX Clou

— Vós! — exclamou ella com uma entonação que me gelou. — Vós sois o senhor de Bérault? E' impossível! As suas faces tinham perdido a cor. Continuei em voz baixa: — Digo-vos a verdade, senhora... De Barthe é o nome de minha mãe! Quando cheguei aqui, estranho a todos, tomei esse nome para não ser conhecido e para poder falar duas vezes a uma mulher boa e sensível sem a ver recuar de horror... Mas por que hei-de eu estar a importunar-vos com isto? — continuei, revoltado contra o seu silêncio e por vê-la de costas voltadas para mim. — Perguntastes-me como era possível que eu recedesse uma injúria e não castigasse o

offensor, e respondi-vos. E' o único privilégio que o senhor de Bérault tem... — Se eu fôra o senhor de Bérault, — objectou ella como que num murmúrio, — valer-me-ia disso para nunca mais me bater! — Se eu tal fizesse, senhora minha, — respondi-lhe friamente, — perderia tódas as minhas relações de amizade. E' preciso reinar pelo terror, como faz o Cardeal... ella teve um estremecimento, ou por causa daquelle nome ou por causa da idéa que as minhas palavras invocavam, e fêz-se um silêncio embaraçante, com o cumprimentá-la e afastar-me, como o peito em fogo, quando ella falou: — Ainda ali há uma rosa, — disse com um ligeiro tremor na voz, — mas não lhe chego... Quereis ter a bondade de colher-ma, senhor de Bérault? Obedecei com a mão mal segura e o rosto em brasa. Dei-lhe a flor, que ella colocou, tremendo, no seu corpete, e vi que também o seu rosto estava purpureado. Depois, tomando o caminho de casa;

— O céu me preserve de vos julgar mal uma segunda vez! Mas, afinal, quem sou eu para vos julgar bem ou mal? Há uma hora, se pudesse, teria matado aquele homem!

— E haveis-vos arrendido, senhora? — perguntei-lhe em voz sufocada. — Não vos arrendestes nunca, senhor de Bérault?

— Arrendei. Mas sempre muito tarde... — Talvez que nem sempre muito tarde... — Quando um homem está morto... — Pode-se tirar a um homem mais do que a vida! — replicou-me energicamente. — Se vós nunca tirastes a um homem ou a uma mulher a honra, se nunca causastes a ruína de pessoa alguma, senhor de Bérault, se jamais haveis impedido alguém para o abismo, quando um homem não mentiu, não traiu, não se vñden a si próprio nem o seu semelhante, creio que posso perdoar-lhe tudo mais... E ajuntou com um sorriso triste: — Sei tomar muito melhor o meu partido da violência do que da perfidia...

— Que foi? — perguntou-lhe a menina de Cocheforêt. — Fala depressa! — Clou! — exclamou elle, sem poder articular mais palavra. — Clou?... Que lhe aconteceu? — inquiriu ella num grande sobressalto. — No povoado! — gaguejou Luis, ainda sem poder exprimir-se claramente. — Está a azorragá-lo, e matam-no!... Quereim-lhe fazer dizer... — Dizer?... — repeti maquinalmente, interrompendo-o. — Mas o quê, se elle é mudo?... — Quereim que elle os guie... E os seus gritos!... Os seus gritos!... Salvai-o, senhor, por quem sois!... De facto, no bosque ecoavam, dum a outro extremo, os gritos de dor que o pobre homem soltava. Era horrível! horrível!

A menina de Cocheforêt soltou um gemido de consternação, e fez um movimento para ampará-la por supor que ia desmaiar. Mas logo ella, num esforço súbito, endireitou o seu airoso busto, e cruzando vivamente por diante de mim, começou a descer em passo rápido a álea em direcção da porta da campina. (Continua).

da cidade

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

D. Gabriela de Castelbranco Machado

Confortada com todos os Sacramentos da Santa Igreja, faleceu, no dia 10 do corrente, em sua casa, na cidade do Funchal, Ilha da Madeira, e após demorada doença, a Sr.ª D. Gabriela de Castelbranco Machado, viúva do saudoso e conhecido médico madeirense Sr. Dr. Vicente Machado.

A virtuosa e veneranda senhora, que descendia duma das mais illustres famílias daquela Ilha, era mãe da Sr.ª D. Vera de Castelbranco Machado de Paiva Brandão, sogra do nosso prezadíssimo amigo e distinto Oficial da Armada, Sr. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão, e avó da Sr.ª D. Fernanda de Paiva de Faria Leite Brandão Van-Zeller, casada com o Sr. Frederico Van-Zeller e dos Srs. Tenente de Artilharia João de Paiva de Faria Leite Brandão, casado com a Sr.ª D. Vera de Sárra Brak-Lamy de Paiva Brandão, 1.º Tenente de Marinha Alexandre de Paiva da Costa Leite Brandão, Engenheiro Vicente de Paiva de Faria Leite Brandão, Dr. Diogo de Paiva de Castelbranco Leite Brandão, Filipe de Paiva de Castelbranco Leite Brandão, aluno da Faculdade de Engenharia, e Alvaro de Paiva de Castelbranco Leite Brandão, aluno liceal.

O funeral já saudosa e illustre extinta realizou-se na Igreja de S. Pedro, da cidade do Funchal.

A tóda a respeitável familia dorida e muito especialmente ao Sr. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão, endereçamos o nosso cartão de sentidas condolências.

Menina Dolores da Conceição Sousa Lobo

Após curtos dias de doença, mas cheias de horrosos e cruciantes sofrimentos, faleceu, ao cair da noite de sexta-feira, contando 8 anos de idade, esta interessante menina, filhinha do nosso querido amigo e estimado funcionário da Secção de Finanças, Sr. Arnaldo de Sousa Lobo e de sua esposa.

De nada valeram à desditosa criança os socorros da medicina nem os desvelos da familia.

A morte, avara e sinistra, quis assim ferir mais uma vez o já dilacerado coração daqueles pais, duramente experimentado por idênticos golpes.

Lamentando o triste acontecimento, apresentamos a quele nosso bom amigo e a restante familia as mais sentidas condolências.

O funeral realiza-se hoje, ás 9 horas, na Igreja de Nossa Senhora da Oliveira.

Falecimento

Finou-se, na V. O. T. de S. Francisco, em avançada idade, a Sr.ª Rosa da Silva, tia da esposa do nosso prezado amigo e estimado solicitador nesta comarca, Sr. Francisco de Faria e do também nosso prezado amigo Sr. Luis Maria Teixeira, tendo-se realizado o seu funeral na quinta-feira, na Capela daquelle V. O. Ordem, com a assistência de bastantes pessoas das relações da familia, à qual endereçamos o nosso cartão de pêsames.

A extinta contemplou, em seu testamento, aquella Ordem e outras instituições de Caridade.

Paz à sua alma.

Missas de sufrágio

A Pia Associação dos Amigos do S. C. de Jesus, mandou celebrar, ante ontem, ás 7 horas, na Igreja de N. S.ª da Oliveira, uma missa em sufrágio da alma do saudoso capelão Rev. Dr. Alfredo Dias Pinheiro, acto que foi bastante concorrido.

— Passando amanhã, dia 20, o 2.º aniversário do falecimento da senhora D. Palmira Ramos, esposa do Sr. José Ramos, funcionário da Câmara e mãe do Sr. João Ramos, a familia manda celebrar uma missa, pelas 8 horas, na Igreja Paroquial de Santo Estêvão de Urgez.

Vida Católica

Santa Luzia — Foi revestida de muita solenidade a festa em honra de Santa Luzia, que na segunda-feira se realizou, no templo de S. Dámaso, e na qual foi orador o Rev.

— O céu me preserve de vos julgar mal uma segunda vez! Mas, afinal, quem sou eu para vos julgar bem ou mal? Há uma hora, se pudesse, teria matado aquele homem!

— E haveis-vos arrendido, senhora? — perguntei-lhe em voz sufocada. — Não vos arrendestes nunca, senhor de Bérault?

— Arrendei. Mas sempre muito tarde... — Talvez que nem sempre muito tarde... — Quando um homem está morto... — Pode-se tirar a um homem mais do que a vida! — replicou-me energicamente. — Se vós nunca tirastes a um homem ou a uma mulher a honra, se nunca causastes a ruína de pessoa alguma, senhor de Bérault, se jamais haveis impedido alguém para o abismo, quando um homem não mentiu, não traiu, não se vñden a si próprio nem o seu semelhante, creio que posso perdoar-lhe tudo mais... E ajuntou com um sorriso triste: — Sei tomar muito melhor o meu partido da violência do que da perfidia...

— Que foi? — perguntou-lhe a menina de Cocheforêt. — Fala depressa! — Clou! — exclamou elle, sem poder articular mais palavra. — Clou?... Que lhe aconteceu? — inquiriu ella num grande sobressalto. — No povoado! — gaguejou Luis, ainda sem poder exprimir-se claramente. — Está a azorragá-lo, e matam-no!... Quereim-lhe fazer dizer... — Dizer?... — repeti maquinalmente, interrompendo-o. — Mas o quê, se elle é mudo?... — Quereim que elle os guie... E os seus gritos!... Os seus gritos!... Salvai-o, senhor, por quem sois!... De facto, no bosque ecoavam, dum a outro extremo, os gritos de dor que o pobre homem soltava. Era horrível! horrível!

A menina de Cocheforêt soltou um gemido de consternação, e fez um movimento para ampará-la por supor que ia desmaiar. Mas logo ella, num esforço súbito, endireitou o seu airoso busto, e cruzando vivamente por diante de mim, começou a descer em passo rápido a álea em direcção da porta da campina. (Continua).

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem annos:

No dia 13, a senhora Dr.ª D. Angélica Pizarro de Almeida, distinta professora do Liceu de Martins Sarmiento, e o nosso prezado amigo sr. Eleuterio Ramos Martins Fernandes; no dia 21, o nosso prezado amigo sr. Armando Andrade; no dia 22, o também nosso prezado amigo sr. Alcino de Carvalho Machado; no dia 23, a senhora D. Delmira de Sousa Lima Rodrigues, esposa do nosso prezado amigo sr. António José Pereira Rodrigues, e os também nossos prezados amigos sr. Joaquim Patrício Saraiva, João A. da Silva Guimarães e Vasco Leão Fernandes; no dia 24, os nossos amigos sr. António de Freitas Ribeiro e António Martins Ribeiro; no dia 25, os nossos prezados amigos sr. Dr. David de Oliveira, distinto professor do Liceu de Brago, e Casimiro Gonçalves Ribeiro.

Fêz ontem annos o nosso prezado amigo e conceituado industrial do Pevídém, sr. Alfredo Lopes Correia, a quem felicitamos.

— Completou uma risonha primavera o interessante menino José Alexandre, filho do nosso prezado amigo sr. António Teixeira de Sousa.

Muitos parabéns.

Partidas e chegadas

Esteve nesta cidade o digno Director da Companhia de Seguros "A Social", e nosso prezado amigo sr. António Moreira Tavares, a quem tivemos o prazer de cumprimentar.

— Estiveram em Lisboa, de onde já regressaram, os nossos prezados amigos sr. Dr. José Pinto Rodrigues e António Faria Martins.

Doentes

Tem passado ligeiramente incomodado o nosso prezado amigo sr. João Teixeira de Aguiar, a quem desejamos o mais breve e completo restabelecimento.

— Tem continuado a experimentar sensíveis melhoras o nosso prezado amigo sr. Norberto de Freitas Guimarães Pacheco.

— Tem experimentado sensíveis melhoras o menino Francisco Ribeiro Jordão, filho do nosso prezado amigo sr. Francisco Lage Jordão.

— Tem passado doentinho o interessante menino José Maria, filho do nosso amigo sr. Norberto de Freitas Guimarães Pacheco e netinho do também nosso prezado amigo sr. Mário de Sousa Meneses.

— Em Lisboa, onde se encontra a estudar, tem passado bastante doente uma filha do nosso prezado amigo e distinto advogado, sr. Dr. José Pinto Rodrigues.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Casamento

Consociaram-se na igreja de Aveosa, Viana-do-Castelo, no dia de Nossa Senhora da Conceição, a senhora D. Maria da Conceição Martins Gonçalves, gentil filha do sr. Tenente Guilherme Martins Gonçalves e da senhora D. Maria Clara Martins Viana Gonçalves, e o nosso estimado contrerâneo sr. José Júlio Leite Lage de Castro Sampaio, filho do sr. Manuel de Castro Sampaio, já falecido, e da senhora D. Virginia Leite Lage de Castro Sampaio. Foram padrinhos, por parte da noiva, o sr. Isidoro Paço Viana e a senhora D. Adalgiza Amália Martins Paço Viana; e por parte do noivo, o sr. Dr. José Júlio Leite Lage e sua esposa a senhora D. Joaquina Leite Lage, que foram representados, por procuração, pela sr. Florêncio Leite Lage e pela senhora D. Virginia Leite Lage de Castro Sampaio.

Finda a cerimónia religiosa foi servido um primoroso copo de água, aos noivos e seus convidados, em casa da familia da noiva.

Aos nubentes desejamos as maiores felicidades.

Vida Católica

Santa Luzia — Foi revestida de muita solenidade a festa em honra de Santa Luzia, que na segunda-feira se realizou, no templo de S. Dámaso, e na qual foi orador o Rev.

— O céu me preserve de vos julgar mal uma segunda vez! Mas, afinal, quem sou eu para vos julgar bem ou mal? Há uma hora, se pudesse, teria matado aquele homem!

— E haveis-vos arrendido, senhora? — perguntei-lhe em voz sufocada. — Não vos arrendestes nunca, senhor de Bérault?

— Arrendei. Mas sempre muito tarde... — Talvez que nem sempre muito tarde... — Quando um homem está morto... — Pode-se tirar a um homem mais do que a vida! — replicou-me energicamente. — Se vós nunca tirastes a um homem ou a uma mulher a honra, se nunca causastes a ruína de pessoa alguma, senhor de Bérault, se jamais haveis impedido alguém para o abismo, quando um homem não mentiu, não traiu, não se vñden a si próprio nem o seu semelhante, creio que posso perdoar-lhe tudo mais... E ajuntou com um sorriso triste: — Sei tomar muito melhor o meu partido da violência do que da perfidia...

— Que foi? — perguntou-lhe a menina de Cocheforêt. — Fala depressa! — Clou! — exclamou elle, sem poder articular mais palavra. — Clou?... Que lhe aconteceu? — inquiriu ella num grande sobressalto. — No povoado! — gaguejou Luis, ainda sem poder exprimir-se claramente. — Está a azorragá-lo, e matam-no!... Quereim-lhe fazer dizer... — Dizer?... — repeti maquinalmente, interrompendo-o. — Mas o quê, se elle é mudo?... — Quereim que elle os guie... E os seus gritos!... Os seus gritos!... Salvai-o, senhor, por quem sois!... De facto, no bosque ecoavam, dum a outro extremo, os gritos de dor que o pobre homem soltava. Era horrível! horrível!

A menina de Cocheforêt soltou um gemido de consternação, e fez um movimento para ampará-la por supor que ia desmaiar. Mas logo ella, num esforço súbito, endireitou o seu airoso busto, e cruzando vivamente por diante de mim, começou a descer em passo rápido a álea em direcção da porta da campina. (Continua).

TEATRO JORDÃO

Hoje, ás 15 e ás 21 horas: Amanhã e depois, ás 21 horas:

A melhor produção do cinema nacional

Amor de Perdição

em que são reproduzidas, com tóda a propriedade, tódas as belas páginas do conhecido romance de CAMILO CASTELO BRANCO.

QUINTA-FEIRA, 23, ÁS 21 HORAS:

NOITE QUE NÃO ESQUECE

uma comédia em que se misturam as cenas mais burlescas e efeitos de terror os mais impressionantes, interpretada por LORETTA YOUNG e BRIAN AHERNE.

SÁBADO, 25, ÁS 15 E ÁS 21 HORAS:

Rise Stevens e Nelson Eddy

no deslumbrante filme de grande espectáculo, com deliciosa música de consagrados compositores

O SOLDADO DE CHOCOLATE

NATAL

Aproximando-se a Festa da Família, não se esqueçam que a Pastelaria Colonial é a única Casa de Especialidades que pode resolver qualquer dificuldade!

FABRICO ESMERADÍSSIMO! PREÇOS ACESSÍVEIS! VISITEM V. EX.ªS AS SUAS MONTRAS.

Ezequiel de Freitas, de Moreira de Cónegos, que agradeo e teve a escutá-lo um numeroso auditorio.

O templo foi muito visitado durante todo o dia.

— A festa de Santa Luzia, realizada na capelina da Rua de Francisco Agra, também decorreu com brilho, tendo-se registado grande afluência de fiéis àquelle capelina.

Durante o dia realizou-se a tradicional Romaria, tendo sido a mesma bastante concorrida.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Normal, ao Largo do Toural.

Assalto e roubo

Audaciosos gatunos, entraram, numa das últimas noites, na Igreja de N. S.ª da Oliveira, roubando tódas as esmolas das Caixas.

COMARCA DE GUIMARÃIS

Secretaria Judicial

Editos de 60 dias

(1.ª publicação)

Pela primeira secção da Secretaria Judicial desta comarca de Guimarães e nos autos de acção de divisão de coisa comum que, por penso ao inventário orfanológico a que se procedeu por óbito de José Francisco Gomes, que foi da freguesia de S. Cristóvam de Selho, a inventariante neste, Maria Rosa, actualmente casada em segundas núpcias, moradora na dita freguesia de S. Cristóvam de Selho, move contra João Gomes e mulher e

Guimarães, 6 de Dezembro de 1943.

O Chefe da 1.ª Secção, Artur Vitorino Queiroz.

Veriquei a exactidão.

O Juiz de Direito, Rodolfo Artur de Abreu.

Império!

O melhor calçado. SAPATARIA LUSO.

— Que foi? — perguntou-lhe a menina de Cocheforêt. — Fala depressa! — Clou! — exclamou elle, sem poder articular mais palavra. — Clou?... Que lhe aconteceu? — inquiriu ella num grande sobressalto. — No povoado! — gaguejou Luis, ainda sem poder exprimir-se claramente. — Está a azorragá-lo, e matam-no!... Quereim-lhe fazer dizer... — Dizer?... — repeti maquinalmente, interrompendo-o. — Mas o quê, se elle é mudo?... — Quereim que elle os guie... E os seus gritos!... Os seus gritos!... Salvai-o, senhor, por quem sois!... De facto, no bosque ecoavam, dum a outro extremo, os gritos de dor que o pobre homem soltava. Era horrível! horrível!

A menina de Cocheforêt soltou um gemido de consternação, e fez um movimento para ampará-la por supor que ia desmaiar. Mas logo ella, num esforço súbito, endireitou o seu airoso busto, e cruzando vivamente por diante de mim, começou a descer em passo rápido a álea em direcção da porta da campina. (Continua).

— Que foi? — perguntou-lhe a menina de Cocheforêt. — Fala depressa! — Clou! — exclamou elle, sem poder articular mais palavra. — Clou?... Que lhe aconteceu? — inquiriu ella num grande sobressalto. — No povoado! — gaguejou Luis, ainda sem poder exprimir-se claramente. — Está a azorragá-lo, e matam-no!... Quereim-lhe fazer dizer... — Dizer?... — repeti maquinalmente, interrompendo-o. — Mas o quê, se elle é mudo?... — Quereim que elle os guie... E os seus gritos!... Os seus gritos!... Salvai-o, senhor, por quem sois!... De facto, no bosque ecoavam, dum a outro extremo, os gritos de dor que o pobre homem soltava. Era horrível! horrível!

A menina de Cocheforêt soltou um gemido de consternação, e fez um movimento para ampará-la por supor que ia desmaiar. Mas logo ella, num esforço súbito, endireitou o seu airoso busto, e cruzando vivamente por diante de mim, começou a descer em passo rápido a álea em direcção da porta da campina. (Continua).

— Que foi? — perguntou-lhe a menina de Cocheforêt. — Fala depressa! — Clou! — exclamou elle, sem poder articular mais palavra. — Clou?... Que lhe aconteceu? — inquiriu ella num grande sobressalto. — No povoado! — gaguejou Luis, ainda sem poder exprimir-se claramente. — Está a azorragá-lo, e matam-no!... Quereim-lhe fazer dizer... — Dizer?... — repeti maquinalmente, interrompendo-o. — Mas o quê, se elle é mudo?... — Quereim que elle os guie... E os seus gritos!... Os seus gritos!... Salvai-o, senhor, por quem sois!... De facto, no bosque ecoavam, dum a outro extremo, os gritos de dor que o pobre homem soltava. Era horrível! horrível!

A menina de Cocheforêt soltou um gemido de consternação, e fez um movimento para ampará-la por supor que ia desmaiar. Mas logo ella, num esforço súbito, endireitou o seu airoso busto, e cruzando vivamente por diante de mim, começou a descer em passo rápido a álea em direcção da porta da campina. (Continua).

— Que foi? — perguntou-lhe a menina de Cocheforêt. — Fala depressa! — Clou! — exclamou elle, sem poder articular mais palavra. — Clou?... Que lhe aconteceu? — inquiriu ella num grande sobressalto. — No povoado! — gaguejou Luis, ainda sem poder exprimir-se claramente. — Está a azorragá-lo, e matam-no!... Quereim-lhe fazer dizer... — Dizer?... — repeti maquinalmente, interrompendo-o. — Mas o quê, se elle é mudo?... — Quereim que elle os guie... E os seus gritos!... Os seus gritos!... Salvai-o, senhor, por quem sois!... De facto, no bosque ecoavam, dum a outro extremo, os gritos de dor que o pobre homem soltava. Era horrível! horrível!

A menina de Cocheforêt soltou um gemido de consternação, e fez um movimento para ampará-la por supor que ia desmaiar. Mas logo ella, num esforço súbito, endireitou o seu airoso busto, e cruzando vivamente por diante de mim, começou a descer em passo rápido a álea em direcção da porta da campina. (Continua).

Nova Pastelaria

Vossas Excelências já visitaram a PASTELARIA COLONIAL? Esta é sem dúvida, a CASA DAS ESPECIALIDADES
Rua da República - GUIMARÃIS

NOTÍCIAS DO EPIPISTA
SECÇÃO CHARADÍSTICA
dirigida por Lusbel.

Dicionários adoptados nesta Secção: — Torrinha, Moreno, (compl.), Povo, Roquete (ling. e sin.) su. de Bandeira.

Torneio de Charadas em Prosa

III Etapa --- Paragógicas

— 1-2 —

- 1) O homem perde toda a personalidade quando se torna subserviente.
- 2) Maior que o Homem há algo de superior que lhe dá principio e fim.
- 3) Não há livro tam ruim que não tenha alguma coisa boa.

— 2-3 —

- 4) Nau sem mando, inútil andar.
- 5) A chuva é por vezes para as terras, como para as mãis, os filhos que conduzem ao seio.
- 6) Nobre acção, a que se pratica sem fazer rumor.
- 7) A bebida é do ébrio o maior tesouro.
- 8) Em palácio de Rei, todo o criado é honrado.
- 9) O dinheiro leva muita gente à miséria.
- 10) A estréla da felicidade, raras vezes protege o infeliz.
- 11) As lágrimas são desabaços de corações tristes.
- 12) A mancha cai no melhor pano.
- 13) Desejar a Paz, eis a grande esperança.
- 14) A felicidade e o desejo não podem viver juntos.
- 15) A semente do mal é a que mais se semeia.
- 16) Fortalece a tua alma contra a taverna.
- 17) O pobre tem como amiga certa a pobreza.
- 18) O grande e vigoroso não vence o astucioso.
- 19) Mendigo amado não sente tanto a sua penúria.
- 20) Vive na lei de Deus e será mais se semeia!
- 21) Governa com inteligência e terás entre os homens longo predomínio.
- 22) Diz sempre o que tiveres que dizer, evitando seres linguareiro.
- 23) Faz mais um bom exemplo que um bom obreiro.
- 24) Justa causa não teme discussão.
- 25) Onda de riquezas, repositório de vertigens.
- 26) O professor aproveita mais quando ensina com moderação.
- 27) Imaginar sempre bem do próximo obriga-nos a sofrimento tolerar.
- 28) Renome até pode vir a ter um fuminto.
- 29) A fome é um pesadelo constante para quem não tem certo o ganhar-pão.

— 3-4 —

- 30) Venera-se a si próprio, quem nas suas maneiras for polido.
- 31) A decência como elevação moral e cívica torva o homem digno.
- 32) Prática e manda depois porque serás mais justo em teus reparos.
- 33) Donativo adiado significa pouca vontade de dar.
- 34) Guarda os preceitos da honra, se quiseres fugir à crítica.
- 35) O caminho do dever poucas vezes é alcatifado.
- 36) Pensa que és feliz e terás essa ilusão. — 4-5

Conclusão da III etapa.

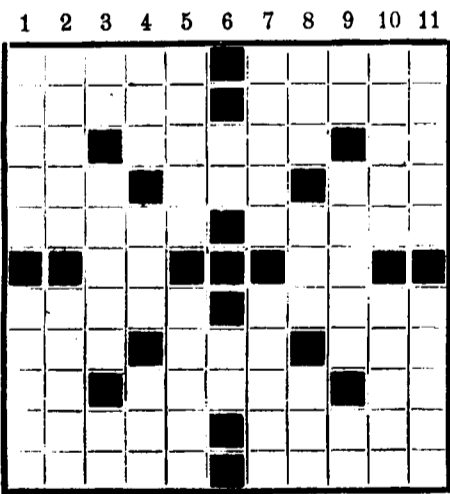
CONCURSO DE PALAVRAS CRUZADAS

ENUNCIADO:

N.º 38

Horizontais: 1 — Licença; lavóira. 2 — plantio de ameios; converter. 3 — contigo; viugar; porco. 4 — altar; servir; mortalmente. 5 — arrolho; agrava. 6 — transitava; tudo o mais. 7 — ardor; diz-se do cavalo que tem duas cores, preta e branca. 8 — decidir; tormenta; rim. 9 — preposição; baúco fixo de pedra; nada. 10 — lucrar; apagar. 11 — declamara; mentira.

Verticais: 1 — reprimir; gago. 2 — aditivo; viugar. 3 — tilinta; confederar; entre nós. 4 — azeite; alcanças; semelhante. 5 — com asas; retira-se. 6 — caminho; gemido. 7 — avarento; má hora. 8 — riso; não; templo. 9 — viaração; embeldar-se; tua. 10 — ter principio; consumir. 11 — mentira; segurara-se com as gavinhas.



SOCIEDADE PROTECTORA DOS ANIMAIS

Recebemos o seguinte officio: Guimarães, 28 de Novembro de 1943.
... Senhor Director do Jornal «Notícias de Guimarães»:
Tendo chegado ao conhecimento desta Sociedade Protectora dos Animais de que, nos últimos tempos, têm sido apanhados, na via pública, muitos animais da raça canina, especialmente de caça, a Direcção desta Sociedade resolveu enviar aos Ex.ªs Srs. Presidentes da Câmara Municipal e Comissão Venatória deste Concelho, os officios seguintes, rogando a V... a subida fineza de os publicar no próximo número do seu muito estimado jornal.

«Ex.ª Sr. Presidente da Câmara Municipal de Guimarães:
A Direcção da Sociedade Protectora dos Animais, desta cidade, tomou conhecimento de que têm sido apanhados, na via pública, diversos animais de raça canina, pelo que vem perante V. Ex.ª expor o seguinte: Aos animais da referida raça que vagueiam pela cidade, foi, segundo o Código de Posturas, aplicada a pena de prisão e multa dos seus proprietários, a-fim-de que fôsse rareando a vagueação dos mesmos, que tantos estragos e indisposições têm causado; no entanto, o artigo dez e seu parágrafo único do Decreto-lei n.º 18.725 de 2 de Agosto de 1930, diz: «Exceptuam-se (a proibição de circular nas vias públicas) os cães de caça, os quais podem circular sem açaço quando devidamente atrelados, e sem açaço ou trela durante o acto venatório. Chamando, pois, a atenção de V. Ex.ª e do Ex.ª Vereador daquele pelouro para o Decreto-lei acima referido, rogamos o favor de que, para futuro, durante a época venatória, os caninos não sejam presos nem abatidos, porque com facilidade fogem dos montes, poupando assim trabalho a V. Ex.ª com os constantes pedidos de liberdade dos mesmos e outro-sim, desgostos aos proprietários de animais de grande estima.
A Direcção desta Sociedade, pedindo o cumprimento da Lei, roga a V. Ex.ª a subida fineza de determinar nesse sentido.
Guimarães, 20 de Novembro de 1943.
A Bem da Nação e dos Animais. O Presidente da Direcção — a) José Alves Machado.»

«Ex.ª Sr. Presidente da Comissão Venatória do Concelho de Guimarães: Tendo a Sociedade Protectora dos Animais, desta cidade, tomado conhecimento de que, por várias vezes, são apanhados, na via pública, os animais de raça canina, inclusive os de caça, resolveu, na sua última sessão, enviar ao Ex.ª Sr. Presidente da Câmara Municipal desta cidade, um officio registado sob o n.º 3.433, de 20 do corrente, rogando-lhe o favor da sua atenção para o artigo dez e seu parágrafo único do Decreto-lei número 18.725 de 2 de Agosto de 1930, que diz o seguinte: «Exceptuam-se (a proibição de circular nas vias públicas) os cães de caça, os quais podem circular sem açaço quando andem devidamente atrelados, e sem açaço ou trela, durante o acto venatório.» A nossa exposição, pedindo para que, durante o tempo de caça, não fôsem presos nem abatidos os cães relacionados com este propósito (porque com facilidade desertam dos montes), pedia também o cumprimento do referido Decreto-lei.
Era, pois, de grande conveniência que V. Ex.ª secundasse o nosso pedido, que, defendendo a causa dos animais, defende também os interesses dessa Comissão e seus associados.
Guimarães, 27 de Novembro de 1943.
A Bem da Nação e dos Animais. O Presidente da Direcção — a) José Alves Machado.»

Esta Direcção agradece reconhecida a V... senhor Director, toda a atenção prestada a esta Sociedade em defesa dos Animais.
O Presidente da Direcção — José Alves Machado.

ALUGA-SE

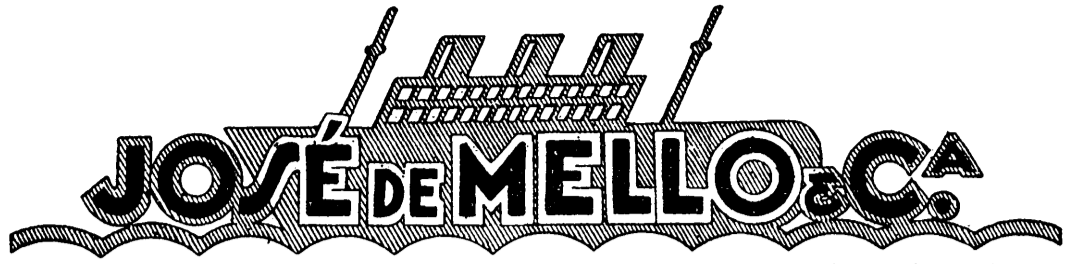
CASA - SANATÓRIO, na Rua de S. Torcato (Cano), com 7 divisões, água, luz e quintal, para casal ou família sem crianças. Falar a Joaquim de Sousa Marques, no local, ou no Largo da Condessa do Juncal n.º 15. 517

QUINTAS Vendemos nos concelhos de Guimarães, Braga, Fafe, Póvoa de Lanhoso, Felgueiras, Cabeceiras de Basto, com esplêndidas casas de senhorio e com a renda em cereais de 21, 6, 4, 5, 3, 10, 2, 9, 7, 8, 15 e 20 carros, e bem assim casas no centro desta cidade. 365

A Auxiliadora — R. da República, 70, Telefone, 4470.

Quinta VENDE-SE pagando a renda de 9 carros, com casa de senhorio, situada na freguesia de Azurém, com estrada até à porta.

Para informações, nesta cidade, — Largo 28 de Maio n.º 93. 520



DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO,

IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM

RUA NOVA DA ALFANDEGA, 67 PORTO

CASA FUNDADA EM 1828

TELEFONES { Escritório, 73 e Estado, 57

Agentes de Navegação,

de Fabricantes

e Negociantes estrangeiros e nacionais

Do Concelho

De Vizela.

Iniciou o grupo local, Futebol C. de Vizela, no passado domingo, o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão com o jogo Vianense F. C. de Vizela, no qual se verificou o empate de 2-2.

Hoje joga o nosso grupo em Vila-Real contra o Sport C. de Vila-Real. Devemos lembrar a todos os vizelenses a conveniência de auxiliarem o Clube.

— No Teatro-Cine Parque da nossa terra, será exibido, no dia de hoje, em duas sessões, o magnifico filme de aventuras, «Gerónimo» que, pelo seu ambiente, está despertando o maior entusiasmo.

Ainda este mês será exibido o formidável filme português «Amor de Perdição».

— Está de luto pelo falecimento de uma pessoa de família o nosso bom amigo e dedicado pastor de Caldas, S. João, Sr. P.º João Gonçalves.

Os nossos cumprimentos de pesar. — Passou no dia 9 do corrente o seu aniversário natalício o nosso bom amigo e dedicado vizelense, sócio da firma Brito & Gomes, L.d.ª, desta vila, Sr. Justino da Silva Gomes, a quem mesmo tardiamente apresentamos os nossos parabéns.

— Reabriu, com novas instalações, modernas e dignas de qualquer das primeiras cidades do País, a nova Foto Beleza, do nosso bom amigo J. Machado, desta vila.

Assim tivemos o prazer de ver este distinto artista fazer uma exposição grandiosa de trabalhos dignos de admiração.

Situada a casa no ponto mais central de Vizela, veio preencher uma lacuna que desde longa data se vinha notando.

Agradecidos pela gentileza da demonstração de todos os laboratórios e exposição de fotos, desejamos ao Sr. J. Machado as maiores felicidades no seu novo estabelecimento. — C.

De Moreira

Foram muito concorridas, nesta freguesia, as novenas da Imaculada Conceição. Era mesmo consolador, apesar das manhãs frias, ver a igreja repleta de fiéis.

E querendo o digno pároco desta freguesia, Rev.º Izequiel de Freitas, que o dia da Imaculada Conceição ficasse bem gravado na alma do seu povo, escolheu esse dia sublime para serem admitidos novos zeladores do Sagrado Coração de Jesus e procedor à inauguração da Juventude Operária Católica Feminina, acto que revestiu o maior brilho e cheio de esplendor, tendo o Rev.º Izequiel de Freitas feito uma vibrante alocução. — C.

Do Pevidém

Retomou o trabalho que tinha suspenso por motivo de doença, o Sr. Joaquim Ribeiro da Cunha, empregado gerente em João Ribeiro da Cunha. Filhos & C.ª, L.d.ª, e tio de três sócios desta firma industrial. As nossas felicitações. — C.

GAVES DA RAPOSEIRA
—
GRANDES VINHOS ESPUMANTES NATURAIS
—
LAMEGO

MOTO NEW-IMPERIAL
Vende-se uma, em estado de nova, de 2 1/2 cavalos. Informa a Casa Cristóvão — Rua do S. Dâmaso. 519
Automóvel de aluquer
EM PEVIDÉM
Guiado por o seu proprietário — Jose de Almeida; 508



Bem perto já está o dia de Natal E tudo a sofrer e tudo a passar mal.

Remédio encontras pr'a tais dificuldades; E' bem fácil e simples: ir às NOVIDADES,

E sem olhar p'ra trás, mesmo em correria, Comprar o jôgo todo da sua lotaria.

Julgam ser mentira, mas creiam, sem razão, A garantia que dou a tal afirmação?

¿Então não é verdade que só o bom dinheiro Nes tira do viver tão bruto e fraldiqueiro?

E' lá que a sorte sai quer queiram quer não E só não sairá aos que lá não vão.

Grande Lotaria do Natal

6.000 contos

A VENDA NA CASA DAS NOVIDADES

Telefone, 4350 — GUIMARÃIS



O Melhor Café é o d'A Brasileira



Vendedor oficial em GUIMARÃIS PEDRO DA SILVA FREITAS 11. Rua de Santo António, 13 (CASA CHAFARICA) Telefone 79

EXIJAM SEMPRE O NOME DO VENDEDOR OFICIAL EM GUIMARÃIS: Pedro da Silva Freitas

CASA OLIVEIRA & SILVA, SUC.ª

TELEF. 4414

TECIDOS DE NOVIDADE

Panos para CAACOS.

Tecidos de lã para VESTIDOS.

Peles.

AOS SRS. EMPREITEIROS DE OBRAS CIVIS

José Pereira Guimarães está habilitado a fornecer sabro de 1.ª qualidade, tirado da sua propriedade situada na rua das Lameiras n.º 55, bem como areia e cascalho, encarregando-se também de mandar fazer transportes de entulhos ou de qualquer espécie, tendo para isso carros, gado e pessoal habilitado.

SEDA

Compram-se desperdícios azeitados ou não.

AMADEU ESTEVES & IRMÃO Covas — Guimarães — Telf., 4293.

Vende-se 2 moradas de casas na Rua Egas Moniz com os n.ºs 41 a 45.

Tratar com Martinho da Silva — GUIMARÃIS.

Lide e propagal e «Notícias de Guimarães»